

Com Oscar na estante e bom momento do cinema do País no exterior, Festival de Gramado foi oportunidade para discutir o futuro da filmografia nacional

reportagem cultural

Gramado e a autoestima renovada do cinema brasileiro

Igor Natusch

Não é exagero nem fora de propósito dizer que, este ano, o Festival de Cinema de Gramado aconteceu em um clima um pouco diferente. E, ao dizê-lo, não nos referimos ao frio natural de agosto na Serra Gaúcha (menos intenso, de fato, do que em anos idos), mas mais especificamente a um outro tipo de temperatura, aquela que se pode medir nas conversas de bastidores, na troca de figurinhas antes dos debates ou do começo das sessões. De certa forma, o evento cinematográfico que movimentou a cidade entre os dias 13 e 23 de agosto deste ano trouxe consigo um subtexto inevitável - um significado que, mesmo dizendo algo diferente para cada um dos presentes, estava sempre lá, exigindo algum tipo de ponderação.

Afinal, pela primeira vez em seus 53 anos de história, o Festival de Cinema de Gramado aconteceu em um Brasil vencedor do Oscar.

Não que a consagração de Walter Salles, Fernanda Torres e *Ainda Estou Aqui* seja um evento isolado, é claro. Temos *O Agente Secreto*, novo longa de Kleber Mendonça Filho, consagrado em Cannes e considerado, desde já, candidato real a repetir a estatuetta em Los Angeles. Em Gramado mesmo, tivemos a estreia nacional fora de competição de *O Último Azul*, de Gabriel Mascaro, que chegou ao Palácio dos Festivais credenciadíssimo pelo Urso de Prata no festival de Berlim. Há bons motivos, portanto, para acreditar que *Ainda Estou Aqui* (mesmo com todas as particularidades de um filme que, desde o começo, tinha um plano traçado para o sucesso internacional) não é evento isolado, e que o cinema brasileiro vive, de fato, um momento significativo de atenção e reconhecimento no exterior.

“Não lembro de algum outro ano tão particularmente potente para o cinema brasileiro”, admite

Rodrigo Santoro, que atua em *O Último Azul* e recebeu nesta edição de Gramado o Kikito de Cristal, em reconhecimento à sua significativa carreira fora do País. Ainda assim, o ator de sucessos como *Che* e *300* reforça que o interesse pela nossa cultura, em certa medida, sempre esteve lá. “Há muitos anos, sempre que eu falo de onde venho, as pessoas respondem dizendo ‘Oh, Brazil!’, com um tom de entusiasmo, como uma exclamação. E eu tento, sempre que posso, falar que temos uma cultura muito diversificada, muito rica, que não fica só no futebol, no Carnaval e nas belezas naturais. Eu acho muito bonito que isso esteja sendo reconhecido pelo mundo”, anima-se.

É de se discutir (e isso, de fato, foi muito discutido em Gramado neste ano) se a chancela do Oscar era mesmo tão importante, ou se faz mesmo tanta diferença. Mas ninguém que viva o cinema no Brasil poderá negar o peso que a estatuetta tem no imaginário em

torno da sétima arte - ou ignorar que, para uma parcela significativa do público consumidor de cinema no País, o fato de levarmos um Oscar para casa traz uma atenção renovada para o nosso quintal.

“O Brasil é um país muito apaixonado por essa coisa de torcida, então, acho que o cinema meio que entrando nesse lugar do futebol é algo divertido, nos conecta emocionalmente com o cinema feito aqui”, diz Gustavo Mascaro, diretor de *O Último Azul*. “Acho que essa visibilidade que o Oscar traz tem o efeito, acima de tudo, de ajudar a que o público brasileiro saiba mais sobre o cinema feito por aqui. Fico torcendo que esse reconhecimento internacional tenha força para criar mais mecanismos de financiamento, para permitir uma descentralização da produção, para que um Brasil mais plural possa estar ocupando esse espaço, mostrando o seu olhar”, pondera.

“Ganhar um Oscar é uma luz

jogada de lá dos Olimpos cinematográficos, que vem para nos dizer: ‘observem o que vocês têm aí na casa de vocês, na casa de vocês há coisa boa’”, afirma o professor e crítico cinematográfico Marcos Santuário, um dos curadores da mostra competitiva nacional de Gramado. “Então, quando Walter Salles e Fernanda Torres chegam lá, e muita gente torce por eles como se fosse uma Copa do Mundo, vai se consolidando essa ideia: ‘opa, nós temos coisa boa’. E aí a gente acaba recebendo (para seleção) essa quantidade enorme de filmes mostrando que o Brasil produz, que há gente trabalhando muito fervorosamente nisso, dedicando a sua vida e querendo que dê certo, contando histórias significativas, cativantes e relevantes para o atual momento do cinema. É a autoestima do cinema brasileiro, e do público brasileiro, que cresce.”

Leia mais na página central